

## CAPÍTULO II

### **ENTENDENDO A PSICO(BIO)LOGIA: UMA CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA COMPREENDER O BRINCAR INFANTIL**

“Os feitos humanos, a menos que sejam rememorados, são as coisas mais fúteis e perecíveis que existem na face da terra; dificilmente eles sobrevivem à própria atividade e, certamente, jamais podem aspirar por si mesmos àquela permanência que até mesmo os objetos de uso ordinário possuem quando sobrevivem a seu fabricante, para não mencionar as obras de arte, que nos falam após séculos. A ação humana, projetada em uma teia de relações, onde fins numerosos e antagônicos são perseguidos, quase nunca satisfaz sua intenção original; nenhum ato pode jamais ser reconhecido por seu executante como seu, com a mesma alegre certeza com que uma obra de arte de qualquer espécie será identificada por seu autor. Quem quer que inicie um ato deve saber que apenas iniciou alguma coisa cujo fim ele não pode nunca predizer, ainda que tão-somente por seu próprio feito já alterou todas as coisas e se tornou ainda mais imprevisível.”

(Hannah Arendt, “*Entre o passado e o futuro*”)

**ENTENDENDO A PSICO(BIO)LOGIA:  
UMA CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA  
COMPREENDER O BRINCAR INFANTIL**

Para entender as limitações da Psicologia do Jogo, que aqui pretendemos ressaltar, empreenderemos uma “viagem” pela história da Psicologia e seus determinismos.

No Renascimento surgiu a visão naturalista, e com ela uma “idade de maravilhas estava preparando o caminho para uma idade da ciência, pois não se excluía de antemão nenhuma hipótese, tudo parecia possível.”<sup>1</sup>

Diante de novos descobrimentos, vão por terra as velhas categorias pré-renascentistas. Em 1574, o livro de Levunus Lemnius, *De occultae Naturae*, é uma afirmação da explicação naturalista; onde “mesmo os seres míticos – ainda aceitos – são explicados por causas naturais: tanto a mente como o corpo são sujeitos a mudanças, devido ao clima e à variação das regiões. Humores, não espíritos maus, causam doenças. Os estados de consciência têm um correspondente corporal e a consciência depende dos modos de vida e da constituição de cada um. Lemnius abandona as generalizações usuais sobre o conhecimento inato do bem e mostra a variedade dos comportamentos humanos.”<sup>2</sup>

Começa-se a pensar que, sendo o homem parte da natureza, é importante conhecer melhor o seu corpo e observá-lo de forma mais concreta, para assim melhor agir sobre ele. Afinal de contas, a dissecação mostrou os erros de Galeno e, a partir de agora, Ciência é feita com observação.<sup>3</sup>

Rosenfeld argumenta que os “traços essenciais da Psicologia moderna surgem na época do Renascimento, ainda que de forma incipiente e confusa. Ela luta, nessa fase, para se tornar *independente* na busca da verdade, tal como o antigo pensamento grego. Ela se esforça por ser *racionalista* porque faz ou procura fazer da razão humana a mais alta autoridade na busca do conhecimento. Ela tende a ser naturalista, porque busca explicar a natureza exterior e interior, sem pressuposições sobrenaturais que cabem à Teologia; e se empenha *empírica* porque considera a experiência como fonte legítima do conhecimento. E, finalmente, visa a ser *científica*, porque procura manter-se em contato com as novas ciências.”<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> ROSENFELD, A. *O Pensamento Psicológico*. São Paulo, Perspectiva, 1984, p. 53.

<sup>2</sup> IDEM, p. 53.

<sup>3</sup> IDEM, p. 53.

<sup>4</sup> IDEM, p. 57.

Nos séculos XVII e XVIII, vão sendo eliminadas as referências teosóficas do pensamento humano. A Física lança seu método experimental de observação (auxiliada pela Matemática) e torna-se paradigma do pensar científico ocidental. Vieram Descartes, Galileu, Kepler, Newton e Leibniz lançando as bases de uma ciência maravilhosa a demolir o antigo. Com tantas descobertas incríveis, criou-se “a nova, a ‘maravilhosa ciência’, que pouco se incomoda ‘com a autoridade’. Era natural, portanto, que na Psicologia o ponto de vista de Vives fosse, afinal, vencedor: era preciso observar os fatos psíquicos, evitando-se aceitar sem exame as interpretações dominantes.”<sup>5</sup>

Descartes foi o responsável pelo rompimento com a denominação usual à época de ‘estudo da alma’, em nome do novíssimo ‘estudo da mente’, mudança causada pelas novidades de seu estudo. O “dualismo psicofísico – distinção entre corpo e mente – impregnou as idéias da época e influenciou toda a Psicologia posterior”<sup>6</sup>

Assistimos, a partir deste momento, a uma briga entre as posições racionalistas (o conhecimento vem da razão, que por sinal é considerada algo natural, inerente ao humano, e serve como mecanismo para obter conhecimento e agir<sup>7</sup>) e empiristas (os sentidos é que proporcionam a aquisição do conhecimento<sup>8</sup>).

Descartes, sendo um racionalista do século XVII, acreditava que a razão era uma espécie de recipiente de idéias inatas. Fazendo uso do método dedutivo, partia “de verdades auto-evidentes e inatas e delas deduzia novos conhecimentos”.<sup>9</sup> Descartes inaugurou com o seu dualismo “uma explicação mecanicista do corpo (*res extensa*) como um sistema de reflexos, ao passo que a alma (humana) – *res cogitans* – que só pode ser investigada pela introspecção direta que nos dá dados imediatos e certos, é de natureza inteiramente diversa, separada do corpo por um abismo. O pensamento metódico tem de basear-se na introspecção que nos fornece juízos tão inabaláveis como o *cogito ergo sum*. Daí a prioridade da mente, tão característica da Filosofia moderna”.<sup>10</sup>

A naturalidade das aquisições mentais, emocionais e sociais (idéias ainda presentes nos discursos psicopedagógicos) originam-se destes tempos não tão bem passados?. Acreditavam estes racionalistas que, sendo o cérebro (já examinado por médicos) simétrico em todas as suas partes, a glândula pineal é que carregaria os “segredos” da intera-

<sup>5</sup> IDEM, p. 60.

<sup>6</sup> TELES, M.L.S. *O que é Psicologia ?* São Paulo, Brasiliense, 1995, p. 10.

<sup>7</sup> ANDERY, M.A. et alli. *Idem*, p. 333.

<sup>8</sup> TELES, M.L. S. *Op. Cit.*, p. 11.

<sup>9</sup> ANDERY, M.A. et alli. *Idem*, p. 333.

<sup>10</sup> ROSENFELD, Anatol. *Idem*, p. 61.

ção entre corpo e mente. Descartes andou burilando o que era difícil engolir nesta explicação “glandular”. Ao se movimentarem, os nervos produzem “na glândula pineal uma ‘impressão’ e assim a alma é estimulada a produzir uma idéia (o movimento transforma-se em ‘atividade’)”<sup>11</sup>. E a “própria alma, como ativa, contribui para as operações de imaginação, memória, volição racional e razão abstrativa. Ela pode, como tal, operar sem apoio do cérebro, baseada nas idéias inatas, sem depender dos objetos externos (embora esses elevem à consciência as idéias inatas (Platão!) que, por vezes, também são definidas como ‘potencialidades’ do pensamento).”<sup>12</sup>

Com a intervenção dos racionalistas franceses do século XVIII, a “noção de idéias inatas que, para Descartes, estava vinculada à atuação de Deus, é substituída pela preocupação em descobrir os processos naturais que estão envolvidos na aquisição do conhecimento pelo homem. Os pensadores franceses deste período defendem a postura de que qualquer idéia tem origem em uma impressão anterior, mesmo que nem sempre possamos identificar qual seja ela ou quando ocorreu.”<sup>13</sup>

Estes estudiosos acreditavam que as “emoções (paixões) são fenômenos quase mecânicos, decorrentes das sensações, mas em parte também de volições internas. A vontade ou atividade da alma tem a capacidade de modificar as paixões e a educação pode produzir um caráter de disposições fixas”.<sup>14</sup>

Os empiristas ingleses dedicaram-se aos estudos da mente, muito tempo antes de surgirem os estudos de Wundt. Francis Bacon, no século XVII, acreditava que, para fazer uso das “forças da natureza, é preciso conhecê-las: saber é poder. Para adquirir conhecimento há somente um caminho: a experiência”.<sup>15</sup>

Locke, pensador do século XVII e início do século XVIII, e responsável pela sistematização do empirismo, defendeu “que o início é o ‘papel branco’ da mente. Todas as idéias decorrem, sem exceção, da experiência”.<sup>16</sup> Defendia que agimos pelos sentidos interno e externo. Previa que o sentido externo “enche o espaço vazio da alma com conteúdos sobre os quais o sentido interno pode exercer a sua atividade.”<sup>17</sup> Colocando-se em oposição ao inatismo cartesiano, defendia que a experiência humana é fundamental para a elaboração do conhecimento. Entretanto, afirmava “que faculdades humanas

---

<sup>11</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 62.

<sup>12</sup> IDEM, p. 62.

<sup>13</sup> ANDERY, M.A. et alli *Idem*, p. 334.

<sup>14</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 62.

<sup>15</sup> IDEM, p. 67.

<sup>16</sup> IDEM, p. 69.

<sup>17</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 69.

tais como a comparação, a volição, o juízo etc. são fundamentais faculdades da alma. Segundo os filósofos franceses, embora Locke tivesse dado um passo no entendimento dos mecanismos do conhecimento humano, havia parado no meio do caminho, já que acabou por pressupor o inatismo das operações psíquicas. A postura de que o homem se transforma em função das impressões que vai registrando do mundo, segundo os filósofos franceses, deveria valer tanto para o conhecimento que o homem vai obtendo sobre o mundo, quanto para as operações psíquicas (comparação, vontade, sentimentos etc) que passam a ser vistas como sensações transformadas.”<sup>18</sup>

Empiristas, como Locke, acreditam que “todas as idéias, por mais abstratas ou complexas que sejam, sempre têm origem nas idéias simples, na experiência sensorial ou interna”<sup>19</sup>; sendo que a emoção é também um elemento relevante, podendo ser possível até afirmar que “toda a composição de nossos pensamentos pode ser afetada por aversões e simpatias.”<sup>20</sup>

Itard, impressionado com o seu trabalho com Victor, reconhece as suas filiações teóricas e compreende que as suas observações<sup>21</sup>, “se as reunirmos e as classificarmos com método, se as reduzirmos ao seu justo valor, notaremos que constituem as provas materiais da mais importante verdade, dessa verdade que Locke e Condillac só lograram descobrir graças à força do seu gênio e à profundidade da meditação. Parece-me que, pelo menos, se pode deduzir:

1) Que o homem é inferior a grande número de animais no puro estado de natureza; estado de nulidade e de barbárie, que sem qualquer fundamento se revestiu das cores mais sedutoras; estado em que o indivíduo, privado das faculdades características da sua espécie, arrasta miseravelmente, sem inteligência e sem afeições, uma vida precária e reduzida apenas às funções de animalidade.”<sup>22</sup>

Empirista do século XVIII, Berkeley, tentando aliar idealismo e empirismo, defende que “a vida mental, expressão de uma substância psíquica ativa, baseia-se em elementos sensoriais passivos que, associados, dão origem às idéias. A fonte das idéias

<sup>18</sup> ANDERY, M. A. *Ibidem*, p. 334.

<sup>19</sup> ROSENFELD, Anatol. *O Pensamento Psicológico*. São Paulo, Perspectiva, 1984, p. 70.

<sup>20</sup> IDEM, p. 70.

<sup>21</sup> Itard tem certeza de que “se isolássemos desde a mais tenra idade duas crianças, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino e se fizéssemos o mesmo com dois quadrúpedes escolhidos de uma espécie menos inteligente, estes últimos se mostrariam muito superiores aos primeiros para satisfazer as suas necessidades vitais e para garantirem a sua conservação e a sua descendência” (ITARD, J. *Ibidem*, p. 191)

<sup>22</sup> ITARD, J. *Idem*, p. 191.

– já que o mundo corpóreo, causa aparente delas, não existe – é Deus que atua nas nossas almas.”<sup>23</sup>

Hume, no século XVIII, criou a Psicologia desprovida de psique e costumava afirmar que “a alma dissolve-se num fluxo de processos relacionados pelas leis de associação. O chamado Eu nada é senão um feixe de percepções relativamente coerentes e coesas. Hume considerou a si mesmo como o descobridor das leis de associação.”<sup>24</sup>

Seguindo um rumo parecido, Julien O. de la Mettrie, no século XVIII, tenta provar “que a sensação – base de todas as atividades psíquicas – é função do organismo físico, memento do cérebro.”<sup>25</sup>

Estes estudiosos eram fascinados com um possível controle da natureza e das vidas que a habitam. Defendiam que a “possibilidade de se chegar às leis sobre a natureza, assim como a possibilidade humana de nela atuar, apóiam-se no pressuposto de que há regularidades e uniformidades nos fenômenos – quer físicos, quer sociais. Tais regularidades expressam-se em leis e o conhecimento destas leis dar-se-á se forem observados os fenômenos naturais, seguindo seu curso e registrando, mediante experimentos, medida, observação e cálculo.”<sup>26</sup>

La Mettrie e d’Holbach, considerados como materialistas e mecanicistas, julgavam que a matéria seria a “essência última das coisas e afirmavam que todos os fenômenos, inclusive o pensamento, são resultado de processos materiais. Segundo La Mettrie, à lista de propriedade da matéria, na qual já se incluía a extensão como fundamental, deveriam ser acrescentadas a capacidade de sentir, recordar, pensar; o movimento da matéria poderia, então, explicar não só nossas sensações, como nossa vontade, nossos desejos etc. Segundo d’Holbach, uma certa disposição dos átomos forma o homem e o que impulsiona é o movimento destes átomos; o destino humano encontra-se, portanto, dirigido por condições naturais que independem da vontade ou desejos humanos.”<sup>27</sup>

Kant, pensador do século XVIII, cuidou de realizar um exame detalhado das possibilidades e impossibilidades da mente, notadamente da “razão teórica”. “Trata-se de uma análise epistemológica, cujo método ‘transcendental’ diverge do método psicogenético de Locke. A Epistemologia não é uma ciência positiva como a Psicologia; a sua tarefa é examinar as bases das ciências, de modo que ela não pode recorrer às ciências, é

---

<sup>23</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 71.

<sup>24</sup> IDEM, p. 72.

<sup>25</sup> IDEM, p. 75.

<sup>26</sup> ANDERY, M. A. et alli. *Idem*, p. 336.

<sup>27</sup> IDEM, pp. 336-337.

uma das menos exatas; pois o ideal científico, para Kant, é a Matemática: encontramos em cada ramo de saber tanta ciência quanto de Matemática ele contenha. Trata-se, pois, de descobrir as próprias bases da ciência mais exata, a Matemática.”<sup>28</sup> E “o exame daquilo que precede (logicamente), como condição *a priori*, toda possível experiência. Verifica-se que as condições de toda a experiência são certas atividades ou funções mentais, formas de percepção e categorias de pensar, que organizam e estruturam a matéria das impressões sensoriais.”<sup>29</sup>

Os resultados dos estudos de Kant “para a Psicologia é que, da mesma forma como não pode haver conhecimentos de coisas em si ‘exteriores’, também não pode haver conhecimento da ‘alma como tal’. Conhecemos somente estados de alma, como elas se apresentam na nossa consciência, organizados pela forma temporal. A partir de Kant, a indagação científica acerca de uma alma subjacente aos estados tornou-se esforço vão. No entanto, da mesma forma como há coisas em si, há também uma alma em si: há um Eu fenomenal e um Eu noumenal, só que este último está fora do nosso alcance, já que o podemos conhecer somente nas formas da nossa razão teórica (ou postular na indagação moral da razão prática!)”<sup>30</sup>

Kant contribuiu para o pensamento psicológico ao prever a “acentuação vigorosa da atividade sintética da mente humana. Ela não é um ‘espaço’ passivo, onde se encontram e se associam as idéias segundo leis mecânicas. A síntese mental encontra a sua mais alta expressão no conceito da *apercepção*. Há a *apercepção* empírica, a consciência de nós mesmos segundo as determinações dos nossos estados por ocasião da percepção interna. Mas toda a consciência empírica apóia-se na *apercepção* transcendental, ‘pura’ (no mero ‘eu penso’), que é a suprema função unitária de todas as condições de conhecimento apriorísticas e, assim, de todo o conhecimento. A *apercepção* transcendental é a identidade do Eu, ao passo que a *apercepção* empírica é a consciência do Eu mutável, segundo os conteúdos variáveis da consciência.”<sup>31</sup>

Nos séculos XVII e XVIII, palco das tendências empirista e racionalista, vemos que o “racionalismo radical, partindo de potencialidades inatas, é incapaz de explicar sem artificialismo a multiplicidade dos conteúdos da consciência; o empirismo radical, partindo da variedade da experiência sensorial, é incapaz de explicar satisfatoriamente a

<sup>28</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 78.

<sup>29</sup> IDEM, p. 78.

<sup>30</sup> IDEM, p. 78.

<sup>31</sup> IDEM, p. 79.

organização sintética dos dados atômicos e desconexos. Pode-se dizer, de forma muito sumária, que o empirismo tende a uma teoria mecanicista de associação, princípio que deve explicar a organização (neste caso passiva e automática) da variedade da experiência, ao passo que o racionalismo tende a uma teoria de poderes fundamentais e de atividade da alma que, como no caso de Leibniz, deverá explicar a multiplicidade dos estados de mônada.”<sup>32</sup>

No século XVIII, na França, aparecem idéias inspiradas em uma concepção racionalista empirista, que expressou um certo antidogmatismo. Os estudiosos ligados a esta vertente teórica agem em oposição “às idéias pré-concebidas, às idéias baseadas na autoridade e combatem todas as crenças, principalmente as de religião, pois, para eles, a superstição, o preconceito, a ignorância, impediam o funcionamento natural da razão.”<sup>33</sup>

As explicações sobrenaturais foram colocadas na fogueira da Modernidade científica, e o ‘fogo’ necessário para dissipar vestígios destruiu “tanto em relação a fenômenos físicos quanto em relação aos fenômenos sociais, psicológicos etc.”<sup>34</sup>

Representando o pensamento francês do século XVIII, Helvétius “dá ênfase às relações dos indivíduos com o meio social: o indivíduo é formado e esta formação depende mais da educação que da natureza e fisiologia humanas.”<sup>35</sup>

Há uma preocupação em adequar as pesquisas no campo das Ciências Naturais para outros campos do saber, e chegam “a problematizar a aplicabilidade direta deste modelo às ciências que lidavam com a vida e com o homem. Este questionamento surge em função do fato de que durante este século, na França, o modelo das Ciências Naturais – que tem fundamentalmente Newton como mestre – vai estender-se a outros campos do conhecimento, em função do fato de que todos os fenômenos passaram a ser vistos como naturais, quer os da Física, Química, Biologia, quer os sociais, psicológicos, artísticos etc.”<sup>36</sup>

Itard, fazendo Ciência no século XIX e pensando em suas observações, defende que no “estado atual dos nossos conhecimentos fisiológicos, o ensino pode e deve ser planejado e esclarecido pela Medicina moderna, que é de todas as Ciências Naturais a que pode cooperar mais intensamente no aperfeiçoamento da espécie humana, apreciando as anomalias orgânicas e intelectuais de cada indivíduo, e determinando por conse-

<sup>32</sup> IDEM, *Idem*, p. 80.

<sup>33</sup> ANDERY, M. A. et alli. *Idem*, p. 338.

<sup>34</sup> IDEM, p. 338.

<sup>35</sup> IDEM, p. 343.

guinte o que a educação será capaz de fazer por ele e o que dele pode esperar a sociedade.”<sup>37</sup>

Há um problema posto na mesa das decisões científicas da época: o modo de investigar os fenômenos físicos tem aplicabilidade integral para quaisquer outros fenômenos como os psicológicos?

Neste momento histórico questiona-se “o papel da Matemática, da Lógica e da descrição na explicação do mundo, discutindo-se as peculiaridades das diferentes áreas de conhecimento. É o que vemos presente nas idéias de Diderot quando este afirma que a metodologia e a sistematização necessária a qualquer investigação devem, no entanto, adequar-se aos diferentes objetos de estudo.

Buffon, um estudioso da Biologia, afirmava que o conhecimento biológico tinha uma estrutura peculiar. Em função desta estrutura, não pode ser dirigido exclusivamente pelas leis da Matemática, mas deve fundamentalmente procurar seguir o curso histórico dos fenômenos. Assim, nas ciências biológicas, deve-se adotar o procedimento de busca ‘arqueológica’ em substituição ao método de conceitos lógico-matemáticos que tenderia, na Biologia, a produzir exclusivamente uma classificação dos indivíduos em gêneros e espécies. Há de se substituir a definição pela descrição, o gênero pelo indivíduo, substituição que resultaria na compreensão das transformações ocorridas no tempo; daí a ênfase na descrição e na investigação histórica.

Segundo Cassirer (1950), o ideal de um conhecimento natural matemático, importante no avanço da Física do século XVIII, vai sendo substituído por um ideal de um conhecimento natural descritivo. Assim, embora na Matemática descrição e mensuração coincidam, em ciências como a Biologia, por exemplo, a descrição ganha um novo sentido.”<sup>38</sup>

Se, por um lado, a Biologia estava se tornando paradigma, vale lembrar que o homem não tinha ainda “nascido”. Foucault sugere, ao analisar o conhecimento elaborado na Modernidade, que o “campo epistemológico que percorrem as ciências humanas não foi prescrito de antemão: nenhuma filosofia, nenhuma opção política ou moral, nenhuma ciência empírica, qualquer que fosse, nenhuma observação do corpo humano, nenhuma análise da sensação, da imaginação ou das paixões, jamais encontrou, nos séculos XVII e XVIII, alguma coisa como o homem; pois o homem não existia (assim como

---

<sup>36</sup> IDEM, p. 343.

<sup>37</sup> ITARD, J. *Idem*, p. 193.

<sup>38</sup> ANDERY, M. A. (ORG.) *Idem*, p. 344.

a vida, a linguagem e o trabalho); e as Ciências Humanas não apareceram quando, sob o efeito de algum racionalismo premente, de algum problema científico não-resolvido, de algum interesse prático, se decidiu fazer passar o homem (por bem ou por mal, e com maior ou menor êxito) para o campo dos objetos científicos – em cujo número, talvez, não esteja ainda provado que seja possível incluí-lo de modo absoluto; elas apareceram no dia em que o homem se constituiu na cultura ocidental, ao mesmo tempo como o que é necessário pensar e o que se deve saber. Certamente, não resta dúvida de que a emergência histórica de cada uma das Ciências Humanas tenha ocorrido por ocasião de um problema, de uma exigência, de um obstáculo de ordem teórica ou prática; por certo foram necessárias novas normas impostas pela sociedade industrial aos indivíduos para que, lentamente, no decurso do século XIX, a Psicologia se constituísse como Ciência; também foram necessárias, sem dúvida, as ameaças que, desde a revolução, pesaram sobre os equilíbrios sociais e sobre aquele mesmo que instaurara a burguesia, para que aparecesse uma reflexão de tipo so-ciológico. Mas se essas referências podem bem explicar por que é que foi realmente em tal circunstância determinada e para responder a tal questão precisa que essas ciências se articularam, sua possibilidade intrínseca, o fato nu de que, pela primeira vez, desde que existem seres humanos e que vivem em sociedade, o homem, isolado ou em grupo, se tenha tornado objeto da Ciência – isso não pode ser considerado nem tratado como um fenômeno de opinião: é um acontecimento na ordem do saber.”<sup>39</sup>

Foucault propõe que no século XIX ocorre uma explosão do campo epistemológico em diversas direções, há a hegemonia das hierarquias e classificações baseadas nas posições de Comte. O autor condena que “buscar alinhar todos os saberes modernos a partir das matemáticas é submeter ao ponto de vista único da objetividade do conhecimento a questão da positividade dos saberes, de seu modo de ser, de seu enraizamento nessas condições de possibilidade que lhes dá, na história, a um tempo, seu objeto e sua forma.”<sup>40</sup>

Ele compreende que as Ciências Humanas tomam de empréstimo os conceitos advindos da Biologia, das ciências da linguagem e da Economia; “endereço-se, enfim, a esse modo de ser do homem que a Filosofia busca pensar no âmbito da finitude radical, enquanto elas pretendem percorrê-lo em suas manifestações empíricas. É talvez

---

<sup>39</sup> FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail, 3ª edição, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1985, pp. 361-362.

<sup>40</sup> IDEM, p. 363.

essa repartição nebulosa num espaço de três dimensões que torna as Ciências Humanas tão difíceis de se situarem, que confere sua irreduzível precariedade à localização destas no domínio epistemológico, que as faz aparecer ao mesmo tempo como perigosas e em perigo. Perigosas, pois representam para todos os outros saberes como que um risco permanente: por certo, nem as ciências dedutivas, nem as ciências empíricas, nem a reflexão filosófica, desde que permaneçam na sua dimensão própria, se arriscam a ‘passar’ para as Ciências Humanas ou encarregar-se de sua impureza; sabe-se, porém, que dificuldades por vezes encontra o estabelecimento desses planos intermediários que unem, umas às outras, as três dimensões do espaço epistemológico; é o que o menor desvio em relação a esses planos rigorosos faz cair o pensamento no domínio investido pelas Ciências Humanas; daí o perigo do ‘psicologismo’, ou do ‘sociologismo’ – do que se poderia chamar, numa palavra, ‘antropologismo’ – que se torna ameaçador desde que, por exemplo, não se reflita corretamente sobre as relações entre o pensamento e a formalização, ou desde que não analisem convenientemente os modos de ser da vida, do trabalho e da linguagem.”<sup>41</sup>

Foucault compreende que, de uma forma mais geral, “o homem, para as Ciências Humanas, não é esse ser vivo que tem uma forma bem particular (uma fisiologia bastante especial e uma autonomia quase única); é esse ser vivo que, do interior da vida à qual pertence inteiramente e pela qual é atravessado em todo o seu ser, constitui representações graças às quais ele vive e a partir das quais detém esta estranha capacidade de poder se representar justamente a vida.”<sup>42</sup>

O autor francês defende que “as Ciências Humanas não são uma análise do que o homem é por natureza; são antes uma análise que se estende entre o que o homem é em sua positividade (ser que vive, trabalha, fala) e o que permite a esse mesmo ser saber (ou buscar saber) o que é a vida, em que consistem a essência do trabalho e suas leis, e de que modo ele pode falar. As Ciências Humanas ocupam, pois, essa distância que separa (não sem uni-las) a Biologia, a Economia, a Filologia daquilo que lhes dá possibilidade no ser mesmo do homem. Seria errôneo, portanto, fazer das Ciências Humanas o prolongamento, interiorizado na espécie humana, no seu organismo complexo, na sua conduta e na sua consciência, dos mecanismos biológicos; não menos errôneo colocar, no interior das Ciências Humanas, a ciência da Economia e da Linguagem (cuja irredu-

---

<sup>41</sup> IDEM, p. 365.

<sup>42</sup> IDEM, p. 369.

tibilidade às Ciências Humanas é manifestada pelo esforço de constituir uma Economia e uma Lingüística puras).”<sup>43</sup>

O autor propõe que em uma “primeira abordagem, pode-se dizer que o domínio das Ciências Humanas é coberto por três ‘ciências’ – ou, antes, por três regiões epistemológicas, todas subdivididas no interior de si mesmas e todas entrecruzadas umas com as outras; essas são definidas pela tríplice relação das Ciências Humanas em geral com a Biologia, a Economia, a Filologia. Poder-se-ia admitir assim que a ‘região psicológica’ encontrou seu lugar lá onde o ser vivo, no prolongamento de suas funções, de seus esquemas neuromotores, de suas regulações fisiológicas, mas também na suspensão que os interrompe e os limita, se abre à possibilidade da representação”<sup>44</sup>

Nascida no século XIX, a moderna ciência Psicologia, de maneira geral se pode dizer, “é fundamentalmente um estudo do homem em termos de funções e de normas (funções e normas que se podem, de maneira secundária, interpretar a partir dos conflitos e das significações das regras e dos sistemas)”<sup>45</sup>.

Fazer-se Ciência na Modernidade tem seus altos preços! Na guerra pela constituição de um estatuto de Ciência, aliados tiveram de ser comprados. “É na superfície de projeção da Biologia que o homem aparece como um ser que tem *funções* – que recebe estímulos (fisiológicos, mas também sociais, inter-humanos, culturais), que responde a eles, que se adapta, evolui, submete-se às exigências do meio, harmoniza-se com as modificações que ele impõe, busca apagar os desequilíbrios, age segundo regularidades, tem, em suma, condições de existência e a possibilidade de encontrar *normas* médias de ajustamento que lhe permitem exercer suas funções.”<sup>46</sup>

Foucault supõe que talvez seja possível “retratar toda a história das Ciências Humanas, desde o século XIX, a partir de três modelos. Com efeito, eles cobriram todo o seu devir, pois que se pode seguir, há mais de um século, a dinastia de seus privilégios: primeiro, o reino do modelo biológico (o homem, sua psique, seu grupo, sua sociedade, a linguagem que ele fala existem, na época romântica, enquanto vivos e à medida que de fato vivem; seu modo de ser é orgânico e analisado em termos de função); depois vem o reino do modelo econômico (o homem e toda a sua atividade são o lugar de conflitos de que constituem, ao mesmo tempo, a expressão mais ou menos manifesta e a solução mais ou menos bem-sucedida); enfim – assim como Freud vem após Comte e

---

<sup>43</sup> IDEM, p. 371.

<sup>44</sup> IDEM, p. 372.

<sup>45</sup> IDEM, p. 375.

<sup>46</sup> IDEM, p. 374.

Marx – começa o reino do modelo filológico (quando se trata de interpretar e de descobrir o sentido oculto) e lingüístico (quando se trata de estruturar e de trazer à luz o sistema significante).”<sup>47</sup>

É também no século XIX que surge o associacionismo de Hume e Hartley. O que os seres humanos realizam, segundo James Mill, são associações que “podem ser de tipo ‘sincrônico’ (simultâneo) ou sucessivo; as últimas seriam mais numerosas e, neste caso, o antecedente pode ser uma sensação ou idéia, ao passo que o conseqüente é sempre uma idéia.”<sup>48</sup> Com o passar do tempo, alguns associacionistas vão percebendo que a mente é algo mais ativo do que pensavam os primeiros associacionistas.

É interessante ressaltar a trajetória de Alexander Bain, associacionista bombardeado pelo “fogo cruzado dos ‘idealistas’ e dos psicólogos inspirados pela Biologia. Bain salienta a espontaneidade da mente, cujo equivalente fisiológico é um *surplus* de energia, isto é, a ação espontânea do sistema nervoso, ação por vezes independente de estimulações externas. A partir da sua teoria dos hábitos – que influenciou William James – apresenta a sua Psicologia da aprendizagem em que se sente a presença do hedonismo de James Mill e do seu princípio do prazer-dor: a aprendizagem dá-se 1) por movimentos feitos ao acaso (um *surplus* de energia, semelhante às teorias lúdicas de Spencer e Darwin); b) entre esses movimentos, há uns que produzem resultados agradáveis; c) esses últimos movimentos tendem a ser *seleccionados* e repetidos e, portanto, a se fixarem pela repetição.”<sup>49</sup>

Considerado como um “dos grandes psicólogos sistemáticos do século XIX, Bain tem uma ampla visão da vida psíquica. Enquanto de um lado avalia com destaque a capacidade intelectual de discriminação que possibilita, como atividade original, a própria percepção, concede ao mesmo tempo considerável importância aos instintos. Nas suas cogitações genéticas alude a tendências inatas de agir, suscetíveis de sofrerem a modificação da experiência. Contudo, mostrou-se pouco propenso a adotar as doutrinas evolucionistas, então em plena eclosão.”<sup>50</sup>

Já Thomas Reid, da Escola Escocesa, “adotou a teoria de haver manifestações originais da consciência, princípios naturais de todo o conhecimento. A totalidade desses princípios inatos constitui o ‘senso-comum’ (common sense). Reid procurou restabele-

---

<sup>47</sup> IDEM, p. 377.

<sup>48</sup> ROSENFELD, A. (1984) *Idem*, p. 82.

<sup>49</sup> IDEM, p. 83.

<sup>50</sup> IDEM, p. 83.

cer a certeza de uma mente una – certeza abalada pelo atomismo dos associacionistas.”<sup>51</sup>

Thomas Brown também se dedica a ver a mente como “substância unitária”. Trabalha com os afetos da alma e afirma que a “sugestão simples explica o poder da alma de suprir certos dados não-sensoriais, mercê da sua capacidade inata de relacionar, julgar e comparar”.<sup>52</sup>

Entre os germânicos do século XIX, Herbart buscou aplicar aos estudos psicológicos “a tese de Kant de que há tanta ciência em cada ramo de saber quanta matemática nele houver. Daí a sua tentativa de chegar a uma pesquisa psicológica comparável às Ciências Naturais”.<sup>53</sup> Além do mais, para este pensador, não existem idéias inatas. “A idéia nada é senão um ato de autopreservação, conseqüente de uma perturbação externa, ato pelo qual é gasta certa quantidade de energia. Essa energia leva a idéia à plena consciência. Seguindo-se uma segunda perturbação, a soma total de energia é dividida. A quantidade monopolizada pela segunda idéia é roubada à primeira e, por isso, enquanto a segunda se impõe cada vez mais, a primeira definha até atravessar o limiar da consciência e tornar-se *subconsciente*, ou ter uma energia apenas infinitesimal. Esse princípio, aplicado a toda diversidade da alma, explica o seu movimento perpétuo e a sua perpétua autopreservação. Nenhuma idéia desaparece completamente; a sua energia torna-se apenas infinitesimal até que qualquer influxo de energia a eleva de novo à consciência.”<sup>54</sup>

O século XIX comportou o aparecimento de “uma *psicofísica* ou *psicofisiologia*, tamanha a confusão entre os princípios da Física e da Biologia e os estudos psicológicos.”<sup>55</sup> Vale ressaltar que, a partir da obra de Darwin, aumentou a contribuição de uma certa “filosofia biológica”; Japiassu lembra que tanto “a física newtoniana quanto a Biologia evolucionista vem tentando, desde o início, gerar uma forte impressão de generalidade. No caso da Biologia, isto se deu graças, sobretudo, às analogias que ela suscitou em todos os domínios, estando em questão os processos evolutivos ou históricos.”<sup>56</sup> Caberá a Wundt, em 1879, criar a Psicologia com o gesto fundacional de um laboratório unicamente voltado aos estudos psíquicos.

---

<sup>51</sup> IDEM, p. 84.

<sup>52</sup> IDEM, p. 84.

<sup>53</sup> IDEM, p. 85.

<sup>54</sup> IDEM, p. 86.

<sup>55</sup> TELES, M.L.S. *Idem*, p. 13.

<sup>56</sup> JAPIASSU, H. *A Psicologia dos Psicólogos*. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1983, p. 110.

Foi dentro da tradição filosófica que a Psicologia (denominada estudo da alma) “cresceu”, levando para isso muitos séculos. Sofreu influências religiosas e médicas. O Renascimento trouxe o desejo de algumas ciências se emanciparem da Filosofia. “O associacionismo é, em última análise, a tentativa de criar uma mecânica do espírito (Newton). A influência da Química foi assinalada por ocasião de J. S. Mill. Os progressos da Anatomia e da Fisiologia – ciências que já em séculos remotos, de certo modo, exerceram efeito sobre a Psicologia (Galeno e os humores; localizações cerebrais) – aceleraram-se no século XIX de tal forma que não podiam deixar de influir profundamente na Psicologia moderna. O estudo do cérebro chegou a refinamentos extraordinários, sempre em relação cada vez mais nuançada com as funções psíquicas correspondentes. O estudo do sistema nervoso, graças à Histologia, o estudo experimental das funções sensoriais, em conexão com o desenvolvimento da Física, tomaram impulso enorme, acrescentando-se a isso os progressos na patologia mental. É evidente que a Psicologia não poderia manter-se alheia a esses desenvolvimentos.”<sup>57</sup>

Gall, lançando as bases do estudo das diferenças individuais, tentou relacionar a anatomia cerebral com a doutrina das faculdades. Apressou-se em denominar mais de 30 funções devidamente localizadas em determinadas partes do cérebro. “Supunha ainda que o exercício de uma dessas funções provocaria o desenvolvimento acentuado da região cerebral correspondente. Daí surgiria uma pressão local no crânio, impelindo-o para fora, sob forma de bossa. A conclusão é que, apalpando as bossas, podemos analisar os traços e dons principais do indivíduo.”<sup>58</sup>

Mueller, estudando a fisiologia dos nervos, propôs a existência de uma qualidade própria inerente a cada nervo sensorial e, assim sendo, “as qualidades mentais resultam de qualidades físicas intrínsecas de tecido nervoso. De acordo com isso, as nossas experiências resultam antes da natureza dos nervos do que da natureza dos objetos.”<sup>59</sup>

Fechner, o criador da Psicofísica, diante da impossibilidade de medir as sensações, solucionou o problema propondo uma forma de medição indireta. Sugeriu “medir os estímulos e, além disso, a grandeza de estímulo necessário para fazer nascer uma sensação ou fazer notar a diferença entre duas sensações.”<sup>60</sup>

Ainda que absurdas, essas teses fizeram adeptos e condicionaram o futuro da nova ciência, a Psicologia, nascida no século XIX. A Psicologia experimental criada por

<sup>57</sup> ROSENFELD, Anatol. *Idem*, pp. 91-92.

<sup>58</sup> IDEM, p. 92.

<sup>59</sup> IDEM, p. 92.

<sup>60</sup> IDEM, p. 97.

Wundt e outros mantinha um vínculo (de gratidão?) com os métodos de Fechner (que “definiu a relação logarítmica entre o crescimento da sensação e o da excitação”<sup>61</sup> ).

Toda esta busca desenfreada de materializar os sentimentos humanos tinha por trás o desejo de realizar a transformação da Psicologia em ciência exata, apoiando-se em paradigmas das Ciências Naturais do século XIX.

É essa uma verdadeira saga em busca da “terra” (ou da teoria?) prometida: uma ciência psicológica, apartada da Filosofia! Para isso havia de se produzir novos aliados: a Biologia vai sendo assim apresentada. Esta “tentativa constante de transformar a Psicologia em ciência exata, segundo o modelo das Ciências Naturais, exprimiu-se no princípio da ‘redução’. Procurava-se mostrar que os processos psíquicos não eram ‘nada senão’ isto ou aquilo – nada senão reflexos, nada senão secreções da matéria, nada senão combinações de átomos sensoriais, nada senão fusões químicas. Nesta redução, facilmente se perderam de vista as peculiaridades dos próprios fenômenos químicos.”<sup>62</sup>

Comte realizou uma classificação das ciências e achou tarefa impossível fazer a Psicologia ocupar aí algum lugar. A dúvida era saber como falar (positivamente) de uma ciência psicológica exata e autônoma, que se baseava na introspecção. “Sabemos somente dos conteúdos, dos fenômenos, só esses podemos observar; não podemos observar o próprio observar. A análise dos fenômenos, todavia, e das condições e leis, é tarefa das Ciências Naturais. Assim, a Psicologia é reduzida à Biologia e Frenologia.”<sup>63</sup>

Lewes, comtista no século XIX, depois de provavelmente “exaustivas” reflexões, decretou que a Psicologia é tão somente um ramo da Biologia, afirmação que podia ser provada polemizando “contra a limitação dos fenômenos psíquicos aos fenômenos da consciência, estendendo-se às funções e faculdades chamadas por ele de *sentient*, ou seja, aquelas que se identificam com a capacidade de reagir a estímulos, sem que isso implicasse consciência. Destarte pretende evitar qualquer separação entre a mente e a vida, pois a *sentience*, a ‘sensibilidade’, é uma propriedade vital do tecido orgânico. Se para os gregos a alma fora o princípio da vida, para Lewes a vida é o princípio da ‘alma’. Chamar a Psicologia de ciência dos fenômenos conscientes significa limitá-la; os fenômenos conscientes são apenas parte dos fenômenos sensíveis e esses são fenômenos biológicos.”<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> FOUCAULT, M. *Idem*, p. 366.

<sup>62</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 98.

<sup>63</sup> IDEM, pp. 98-99.

<sup>64</sup> IDEM, p. 99.

Herbert Spencer foi um dos precursores do evolucionismo. “Integrar a mente humana inteiramente no mundo biológico, negando radicalmente o dualismo de Descartes entre corpo e alma, isso significa introduzir implicitamente a indagação evolucionista. O princípio da evolução tornou-se, mesmo antes de Darwin, a idéia central de todo o pensamento de Herbert Spencer. O princípio evolucionista em si é antigo. Spencer, porém, foi o primeiro a aplicá-lo sistematicamente na totalidade da sua vasta síntese filosófica. Desde então, o evolucionismo se ligou intimamente a todas as indagações científicas, particularmente às da Biologia, em cujo terreno provara ser particularmente fecundo. Na sua obra, Spencer procura mostrar que tudo no universo se relaciona, de forma a haver uma inter-relação geral, resultante da evolução. Foi de uma substância homogênea que o mundo nasceu”<sup>65</sup>

Japiassu julga que Spencer, interessado no lamarckismo, ocupou-se mais em “situar a hereditariedade dos caracteres adquiridos na base de uma justa concepção da sociedade.”<sup>66</sup>

Rosenfeld defende que a explicação spenceriana dos fenômenos mentais não é um reducionismo biologizante; mas no que toca à “parte biológica do seu sistema, aplicando a teoria da evolução, explica as formas orgânicas como resultados necessários da ação recíproca entre indivíduos e mundo-ambiente. A base da Anatomia e Fisiologia comparadas procura demonstrar a evolução gradual e contínua (Leibniz!), paralelamente à evolução das condições. O grau de desenvolvimento é determinado pela exatidão e amplitude da correspondência entre o organismo e o ambiente.”<sup>67</sup>

Spencer previa que um reflexo se transmuta em instinto, “pois pela repetição de vários estados psicofísicos nasce uma tendência hereditária de repetir certas funções complicadas.”<sup>68</sup>

Spencer foi imortalizado como “o primeiro a elaborar a concepção de que a mente chegou à sua estrutura peculiar em virtude das peculiaridades ambientais. O sistema nervoso e os processos mentais são de natureza *adaptativa* e toda a evolução espiritual e de comportamento é um processo adaptativo. Esse conceito funcionalista é o mesmo de Darwin e teve forte influência sobre as concepções de W. James e Dewey.”<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> IDEM, p. 99.

<sup>66</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, p. 113.

<sup>67</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 100.

<sup>68</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p.100.

<sup>69</sup> IDEM, p.100.

Dewey, preocupado em apresentar as *Escolas de amanhã* e em preparar as crianças para o amanhã, atividade “que não significa, para o autor, defender um currículo rígido e fixo capaz de modelar, com requinte de detalhes de obra de arte, perfil do futuro adulto, como se fosse possível a alguém vislumbrar concreta e precisamente as características de um amanhã distante. Preparar a criança para a vida futura significa dar-lhe domínio de si mesma; treiná-la para que possa ter uso pleno e pronto de suas capacidades, para que sua inteligência seja capaz de compreender as condições sob as quais desenvolve seu trabalho e para que suas forças possam agir econômica e eficientemente no presente. Na verdade, essas escolas pesquisadas pelo autor são escolas que buscam, através de um trabalho – que procura fugir do currículo tradicional mais formal e abstrato –, representar verdadeira e concretamente as necessidades e as condições da vida democrática. Essas ‘escolas de amanhã’ esforçam-se de diferentes modos para dar ênfase ao crescimento lógico como instrumento de desenvolvimento de habilidades intelectuais. Dentro dessa perspectiva, todas elas apontam, com unanimidade, o jogo como fator decisivo para assegurar o desenvolvimento natural da criança. Na opinião de Dewey, todos os povos em todos os tempos contaram com os jogos como parte importante da educação de crianças, especialmente de crianças pequenas. O jogo é tão espontâneo e inevitável que, a seu ver, poucos pensadores educacionais atribuíram a ele, em teoria, o lugar de destaque que sempre ocupou na prática, ou mesmo, poucos tentaram descobrir se as atividades naturais de jogo das crianças oferecem sugestões que possam ser adotadas na escola”.<sup>70</sup>

No século XIX era possível prever que as bases do conhecimento “são *a priori*, como ensinava Kant; mas somente para o indivíduo atual. Isto é, elas se fundamentam na sua organização psicofísica. Essa organização, porém, o indivíduo a herdou dos antepassados; ela é resultado das experiências de inúmeras gerações. Assim, as formas *a priori* são adquiridas pela experiência, não do indivíduo, mas da espécie.”<sup>71</sup>

Entre a visão spenceriana e as concepções de Charles Darwin (1809-1882) existem poucas divergências e algumas viagens ‘empíricas’ de vantagem que somente Darwin realizou. Tendo como fonte inspiradora Malthus, Darwin lança “a hipótese da seleção natural pela sobrevivência dos organismos mais adaptados ao ambiente.”<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> KISHIMOTO. T. M. *O brincar e suas teorias*, São Paulo, Ed. Pioneira, 1999, p. 98.

<sup>71</sup> IDEM, p.101.

<sup>72</sup> IDEM, p.101.

Findado o século XIX e com a expansão das idéias darwinistas e spencerianas, havia no ar um encantamento com a possibilidade de “descobrir, no seu devir de ser vivo, a verdade do homem. Imaginou-se que era possível escrever a história em termos de evolução, ou ainda confundir ambas em benefício da segunda”.<sup>73</sup>

O Darwinismo expandiu-se e estava “nas cabeças e bocas” dos cientistas da mente. “Em 1859, o livro de Charles Darwin, *A origem das espécies*, provoca um imenso escândalo e fomenta uma revolução conceitual, talvez a mais formidável de todos os tempos, ainda mais perturbadora que a de Copérnico e Kepler. Até então, só uma teoria reinava a respeito da origem da vida e do homem: Deus criou todas as espécies vivas durante os seis dias do Gênesis. Darwin propõe uma alternativa que exclui toda intervenção sobrenatural e faz apelo às leis ordinárias da natureza: as espécies vivas se constituíram progressivamente, umas a partir das outras, por uma multidão de mutações, originalmente devidas ao acaso, mas filtradas pela seleção natural que só conserva as adaptações úteis à sobrevivência. Toda vida descende, portanto, de um ancestral comum, um micróbio primitivo, ele próprio constituído a partir dos elementos químicos ordinários; depois se ramifica, durante centenas de milhões de anos, para dar a extraordinária diversidade das espécies conhecidas. A Ciência pode reconstituir esta evolução graças às deduções lógicas, ao estudo dos fósseis, à comparação das anatomias, às pesquisas sobre Fisiologia e hereditariedade. Um vasto programa de pesquisas se abre, muitas lacunas ainda colocam problemas, mas o mecanismo de conjunto está doravante elucidado.”<sup>74</sup>

Pelo que tratavam as teses darwinistas, não havia jeito de ficar de fora das discussões psicológicas. “Uma vez que a Psicologia é uma ciência de seres viventes, a teoria de Darwin apresenta implicações óbvias. Significa, antes de mais nada, que não basta estudar o homem em si e por si mesmo, porém é necessário considerá-lo também em relação às muitas forças que moldam – conhecer sua história e suas circunstâncias, seu desenvolvimento tanto genético quanto filogenético, sua posição no cortejo de espécies animais, e os meios pelos quais ele se adapta ao seu ambiente. As psicologias genética, comparada e dos povos tornam-se todas muito importantes, e ao mesmo tempo passam a ocupar em primeiro plano o conceito das atividades mentais como funções de adapta-

---

<sup>73</sup> FOUCAULT, M. *Doença mental e Psicologia* Tradução de Lilian Rose Shalders, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1994, 5ª edição, p. 39.

<sup>74</sup> LENTIN, J-P. *Penso, logo me engano – Breve história do besteirol científico*. Tradução Marcos Bagno, São Paulo, Ed. Ática, 1996, p. 218.

ção. De certo modo, a Psicologia científica da Alemanha foi formada nos moldes da Física.”<sup>75</sup>

As teses darwinianas influenciaram sobremaneira os estudos da mente. Era difícil desprezar, após tomar conhecimento da obra de Darwin, “o fato de que em cada indivíduo deveriam ser tomadas em consideração tanto a *gênese* como a estrutura estática. Só assim se explicava a existência de sistemas inferiores, quando o intelecto já passara a desempenhar o seu papel dominante. A perspectiva genética estimulou os estudos comparados, a Psicologia dos animais e das crianças, bem como a pesquisa das relações entre o ambiente natural e social. Sobreveio a época dos ‘instintos’ como modos de ação que, no seu caráter, dependem do enriquecimento progressivo do organismo e da sua *finalidade*, já que somente atos úteis poderiam garantir a sobrevivência.”<sup>76</sup>

Darwin deu a sua contribuição aos estudos das emoções. Ele acreditava que a “expressão é o aspecto orgânico das emoções e esses são hábitos do organismo. Os progressos conscientes são elementos relativamente insignificantes no estado total de reações orgânicas variadas. As expressões emocionais originalmente eram hábitos do organismo. Os processos conscientes são elementos relativamente insignificantes no estado total de reações orgânicas variadas. As expressões emocionais originalmente eram hábitos úteis a certos fins; todavia, a modificação das condições ambientais transformou a expressão original em hábito supérfluo, que continua, contudo, por associação, ligado às emoções. Quanto à inteligência, tem a função de selecionar, entre os movimentos e reações, os mais adequados. Assim, a própria inteligência é integrada, pouco a pouco, ao sistema evolucionista, como função necessária à adaptação e seleção. A Psicologia humana, portanto, tinha de ser encarada em relação a todos os outros fenômenos da vida total, entre os quais nenhum privilégio cabe à inteligência, faculdade suprema do homem.”<sup>77</sup>

Galton, primo de Darwin, colocou-se atento às diferenças individuais, influenciado pelas teses evolucionistas da seleção dos mais aptos. Encarregou-se da aplicação “dos princípios da variação, seleção e adaptação ao estudo de indivíduos e raças humanas, em parte com propósitos eugênicos. Tentando provar a hereditariedade de 977 homens eminentes, verificou que esses homens ilustres tinham parentes do mesmo grau de superioridade. Daí acredita poder tirar a conclusão de que tal capacidade mental supe-

---

<sup>75</sup> HEIDBREGER, E. *Psicologias do século XX*. Tradução de Lauro S. Blandy, São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1969, p. 97.

<sup>76</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 101.

<sup>77</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p.101.

rior é antes questão de família que produto de condições de ambiente (nature e não nurture).”<sup>78</sup>

O primo Galton, de Darwin, também brilhou! “Os principais métodos empregados para o estudo dos fatores genéticos e não-genéticos consistem em analisar – tendo em vista o traço físico ou psíquico considerado – populações de nível social diferente, ou grupos de indivíduos ligados entre si por diversos graus de parentesco. O tipo de estudo mais conhecido é o método dos gêmeos imaginado por Galton no século passado. Como existem pares de gêmeos monozigotos, isto é, indivíduos perfeitamente idênticos do ponto de vista genético (neste caso o par é, desse ponto de vista, o mesmo indivíduo em dois exemplares), e pares de gêmeos dizigotos, isto é, provenientes de dois ovos e, pois, tão diferentes um do outro quanto irmãos comuns, pode-se fazer, entre eles, uma comparação que (com certas reservas que não exporei aqui) permite medir a importância da hereditariedade na expressão das diferenças individuais.”<sup>79</sup>

Este precursor dos testes mentais realiza estudos com gêmeos para verificar as semelhanças hereditárias e provar a existência das determinações genéticas no desenvolvimento humano. Usando métodos estatísticos, preocupa-se com a análise das diferenças individuais, arma poderosa a favor da tese da seleção (inteligente) do mais apto. “A seleção inteligente, todavia, exige que se tente ver quais as qualidades humanas disponíveis. Destarte, une a Psicologia à Estatística, visto que os casos isolados apresentam aspectos que fogem às leis do acaso e da probabilidade. Foi esta concepção ‘coletivista’ que deu à Psicologia educacional americana uma das suas características principais. Visando à medição em massa, cria um processo especial cujo objetivo é determinar diferenças individuais e não analisar os fenômenos mentais na sua estrutura geral. Concomitantemente, visa antes a estudar as reações *manifestas* que os correlatos conscientes que as fundamentam (‘Behaviorismo’).”<sup>80</sup>

Francis Galton, preocupado em estudar a herança das características mentais (ele acreditava que as capacidades mentais são inatas, à espera da maturação necessária?), concluiu que “a capacidade mental é algo inerente ao indivíduo, alguma coisa que não depende basicamente de treino. Acreditava que os homens que conseguem altas posições possuem uma capacidade fora do comum, e também que os homens realmente capazes se tornam famosos apesar das circunstâncias adversas.”<sup>81</sup>

---

<sup>78</sup> IDEM, p. 102.

<sup>79</sup> DEBESSE, M. & MIALARET, G. *Op. Cit.*, pp. 43-44.

<sup>80</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, pp.102-103.

<sup>81</sup> IDEM, pp. 98-99.

No fim do século passado chega o momento de “cientificar” o pensamento psicológico. Wilhelm Wundt, chamado de pai da Psicologia, foi o criador do primeiro Instituto de Psicologia Experimental do mundo e responsável pela transformação da Psicologia em Ciência. Ele acreditava que as experiências (pouco importa se externas ou internas) devem ser bem aproveitadas e que cabe ao psicólogo “empregar todos os recursos acessíveis; todos os métodos são bons para obter acesso a essas ‘vivências’. Recorrer-se-á, segundo o caso, à análise, aos experimentos, aos processos fisiológicos, à introspecção, às várias formas de expressão (língua, mito, arte, religião etc.). De extrema importância é a coordenação metódica de experimento e introspecção. Desta forma se podem exprimir estados mentais em relação a estímulos e reações objetivamente verificáveis e mensuráveis. A base de todos os ajustamentos do organismo é um processo psicofísico, uma reação orgânica acessível do lado fisiológico e psicológico. Assim, temos de estudar ambos os lados – a partir do estímulo e da transmissão neural e, paralelamente, a partir dos fenômenos mentais.”<sup>82</sup>

Wundt, que também se dedicou aos estudos da Psicologia infantil e animal, fez da *vontade* (tema de estudo) o seu centro de preocupação, “já que é ela que, nas suas manifestações inferiores como reflexo etc., é a função biológica mais importante no finalismo orgânico de adaptação ao mundo ambiente. Nota-se a nítida influência de Schopenhauer e do evolucionismo.”<sup>83</sup>

Os estudos psicológicos transformaram-se. “A ‘nova’ Psicologia não era um estudo da alma, não era também um inquérito feito por análise racional de sua simplicidade, realidade e imortalidade. Era um estudo, por meio da observação e da experimentação, de certas reações do organismo humano não incluídas na matéria de nenhuma outra ciência.”<sup>84</sup>

Este percurso histórico, que encaramos como necessário para perceber os condicionantes das psicologias do jogo que queremos em seguida discutir, faz do século XIX o momento de maioridade e autonomia da Psicologia (e da sua dependência da Biologia?). É o momento em que, de malas prontas, a Psicologia parece deixar a comodidade das “companhias domésticas e idosas” ( a “velha” ligação com a Filosofia!) e resolve ganhar o mundo carregando os significantes destes ‘parentes’ e passa a falar e agir em nome próprio ( mas que não é tão próprio assim!)

---

<sup>82</sup> IDEM, p. 103.

<sup>83</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, pp.104-105.

<sup>84</sup> HEIDBREGER, E. *Idem*, p. 97.

A Psicologia pede de empréstimo às outras ciências métodos para tornar científicas suas pesquisas). “Contribuiu para essa conquista a aplicação de métodos matemáticos, pela primeira vez propostos por Herbart, e de métodos de experimentação elaborados por Weber e Fechner e estabilizados, nas formas de laboratório, por Wundt. Se a Anatomia e a Fisiologia concorreram particularmente para a enorme intensificação dos estudos no campo dos processos elementares, a teoria evolucionista teve o grande mérito de integrar o estudo dos processos psíquicos humanos ao campo mais vasto da Biologia, tornando-os comparáveis a processos menos desenvolvidos, quer de animais quer de crianças. A nova perspectiva contribuiu para superar o associacionismo, em parte por atenuar outros aspectos da vida psíquica em oposição à análise unilateral dos processos perceptivos, em parte por introduzir de novo o princípio do organismo (Aristóteles) como um todo integrado, funcionando com fito de adaptação ao ambiente: concepção que se choca com a visão da causalidade mecânica dos associacionistas. O irracionalismo de Schopenhauer e Nietzsche (e logo de Bergson e James) influi para dar destaque maior aos aspectos não conscientes e instintivos, enquanto a concepção genética inspira ao mesmo tempo o surto da Psicologia diferencial.”<sup>85</sup>

A Psicologia, jovem ciência, envolvida num projeto de esquecer o passado e suas “ilusões filosóficas”, fez com que deparássemos com o esquecimento de tudo que não pode ser experimentado, observado, testado e comprovado; e é nesta obsessão para se tornar científica que se enquadram pensamentos que afirmam que a maior virtude da Psicologia foi “a decisão em seguir o método científico e que, na maioria das hipóteses, tenta introduzir aquele método em uma região, onde até agora as perquirições da Ciência não haviam penetrado. Acima de tudo, a Psicologia está a par da grande necessidade do elemento concreto, do qual qualquer ciência é, em grande parte, constituída e aprendeu a olhar com desaprovação, quase com temor, toda indagação que não seja fortemente apoiada em fatos.”<sup>86</sup>

No final do século passado e já neste século, vão sendo superadas teorias como o atomismo de James Mill, aliadas às Ciências Físicas e obedecendo aos princípios mecanicistas. “Foi a poderosa influência da Biologia que impôs a substituição da conceitualização mecanicista. A noção do organismo desde há muito restabelecera nos seus direi-

---

<sup>85</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p. 106.

<sup>86</sup> HEIDBREder, E. *Idem*, pp. 16-17.

tos a velha categoria aristotélica de totalidades ('formas') 'anteriores' às partes, mesmo se fosse apenas num sentido regulativo ou hipotético.”<sup>87</sup>

Japiassu, referindo-se à presença da Biologia no século XX, julga que “o biologismo é uma tentativa de fundar a estrutura da sociedade e as relações dos indivíduos que nela vivem sobre o *caráter biológico* do animal humano. Consiste numa *ideologia* cientificista, tentando explicar toda a riqueza das relações sociais, em suas múltiplas realizações históricas, como mero produto ou resultado de estruturas biológicas subjacentes ou subterrâneas. Sendo assim, todas as sociedades humanas precisam ser regidas pelas mesmas leis que presidem ao ordenamento das ‘sociedades’ dos macacos. E o modo como os indivíduos respondem ao seu meio ambiente seria *determinado* pelas propriedades inatas das moléculas de ADN de seus cérebros e de suas células germinais (gens). Numa palavra, toda condição humana se *reduziria* à Biologia. Esta, por sua vez, constitui apenas um exemplo das leis da Química, conseqüentemente, da Física”<sup>88</sup>

Japiassu pensa que há então um *reducionismo biológico* no pensamento contemporâneo. “O *reducionismo* é uma noção-chave servindo para designar toda teoria pretendendo explicar um fenômeno complexo qualquer, reduzindo-o a seus elementos mais simples. Por exemplo, a redução do *mental* a processos físico-químicos; da *inteligência* a um sistema de associações ou de reflexos; da *consciência* a processos neurofisiológicos; do *comportamento* individual a leis sociológicas etc. E o que pretendo mostrar é que o biologismo, enquanto modelo teórico, constitui uma das formas do *reducionismo* científico contemporâneo. E uma das mais importantes explorações da Ciência atual, notadamente da Biologia, é justamente o *reducionismo*, também chamado de *fisicalismo*.”<sup>89</sup>

Este autor condena os reducionismos a uma impossibilidade de existir sem postulados filosóficos e segue duas básicas premissas filosóficas:

“1) as ciências se encontram dispostas numa ordem hierárquica, variando de disciplinas de nível elevado (como a Economia e a Sociologia), até níveis fundamentais, onde iremos encontrar a biologia, a química e, na base, a física das partículas; 2) nas ciências de nível superior, os fatos podem ser reduzidos, na base de uma correspondência biunívoca, aos fatos e às leis das ciências de nível inferior: cada fato de determinado nível só pode ser explicado por suas relações com os fatos do nível inferior. Este princí-

<sup>87</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, pp.110-111.

<sup>88</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, pp. 113-114.

<sup>89</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, p. 114.

pio impede qualquer recorrência às causas finais. Só interessam as causas antecedentes.”<sup>90</sup>

Ele lembra que a ideologia positivista presente nas ciências de forma geral, “pos-sui também uma dimensão *ética*: pretende que a racionalidade científica, que ela representa, seja a única capaz de fornecer as regras corretas dos comportamentos humanos. Sendo assim, o objetivo último da humanidade só poderá ser a incorporação sistemática, no esquema fornecido pelas ‘leis físicas’, de todos os aspectos da existência humana. Tudo poderá ser substituído pela racionalidade e pela objetividade do reducionismo. Porque somente ele tem condições de fornecer as diretrizes verdadeiras para o progresso humano. E como somente ele sabe o que é verdade, julga-se no direito de determinar o que é bom. Neste sentido, a ciência, produto social, converte-se no objetivo e no método de toda a sociedade.”<sup>91</sup>

E convém perguntar: “De onde vem a superioridade do estatuto científico da Biologia? Claro que não é da supremacia de seus métodos, mas da posição de força que ela ocupa no domínio das ideologias. A simples aplicação de uma teoria biológica a qualquer esfera da reflexão, sob o pretexto de que teria por objeto a natureza, culmina num sistema de pensamento totalitário. Pois trata-se de um pensamento positivista que hipostasia a Ciência e todos os seus subprodutos. Ademais, não é somente no nível das representações gerais relativas à Ciência que se afirma o primado da filosofia evolucionista. Afirma-se ainda nos mais variados campos da vida política e social, notadamente, neste domínio de utilização privilegiada da Biologia, que é a Medicina. Assim, essa filosofia se mostra onipotente nas representações atuais da doença e da morte. A Biologia não se contenta em manifestar um ponto de vista sobre a doença: pretende reduzi-la a um fenômeno biológico, a uma realidade substantivada obedecendo a leis naturais. A doença é situada num processo evolutivo, fazendo apelo, em sua filosofia, à teoria da evolução.”<sup>92</sup>

Psicologia, mal-estar e procura da cura foram guiados pelas mãos ágeis de um determinismo biológico. Neste sentido, cabe aos psicólogos reificar até as emoções, e reduzi-las às determinações desta explicação biologizante do existir. William James, falecido em 1910, em sua teoria das emoções mostra-se influenciado pelo evolucionismo. Imaginem James, com a dureza de semblante necessária à enunciação de mais uma in-

---

<sup>90</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, p. 115.

<sup>91</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, p. 115.

<sup>92</sup> IDEM, p. 111.

crível descoberta da nova ciência psicológica, decretando, para público ligado à Psicologia, que “as emoções não têm existência sem a expressão fisiológica concomitante (Lotze). Ainda mais: a própria emoção nada é senão a consequência de mudanças fisiológicas que ocorrem no corpo. Trata-se de mudanças adaptativas que podem ser sentidas e tais percepções são a própria emoção. Apreendemos o objeto (temível, risível ou chocante); por via reflexa modifica-se o estado visceral, muscular ou epidérmico; surge então, de imediato, a emoção correspondente ao objeto.”<sup>93</sup> Lange acreditava, seguindo os conselhos de James, que “primeiro (teoria James-Lange) choramos e depois ficamos tristes, primeiro enrubescemos e depois ficamos envergonhados.”<sup>94</sup>

William James, enquanto evolucionista convicto, acredita que “a mente deve ser compreendida funcionalmente, visto ser o produto da adaptação ao meio-ambiente: ela é uma arma biológica, legada por inúmeras gerações de ancestrais, selecionadas mercê do seu sistema de reações ajustado aos estímulos do universo.”<sup>95</sup>

McDougall, pensador influente até a terceira década deste século, defendia que “quase todas as ações são expressões de impulsos inatos, tais como de repulsão, pugnacidade, auto-humilhação, auto-afirmação, curiosidade, construção, reprodução (e mesmo tossir, coçar-se, espirrar etc.). Tanto os homens como os animais são equipados pela natureza com uma disposição pela qual a percepção de certos estímulos produz certas emoções específicas que, por sua vez, se transformam em impulsos que explicam os atos motores. O núcleo de cada instinto é uma emoção que se descarrega em ação instintiva, finalista. O conceito de *purpose*, inerente ao instinto, apõe-se a todas as teorias sensacionistas e associacionistas, já que acentua a adaptação do ambiente como sendo um padrão global de conduta. Uma vontade fundamental de viver (o *conatus* de Spinoza, a vontade de Schopenhauer, a libido de Freud) manifesta-se em certo número de tendências de comportamento, os instintos que são disposições psicofísicas herdadas, determinando os seus donos a agir de forma peculiar.”<sup>96</sup>

Este condicionamento do pensar psicológico, aliado da Biologia, trouxe consequências? Há um agir natural nas mais variadas expressões ou ações humanas? Isso é indiscutível? O fato é que certas teorias são, ideologicamente, a favor de certas forças hegemônicas que disfarçam as diferenças, escamoteiam a realidade cinicamente. Se não, vejamos:

---

<sup>93</sup> ROSENFELD, A. *Idem*, p.111.

<sup>94</sup> IDEM, p.111.

<sup>95</sup> IDEM, p.112.

<sup>96</sup> IDEM, p. 113.

“A variação, a desigualdade dos indivíduos, é considerada pelos biólogos como um dos mecanismos fundamentais da evolução das espécies. Mas poderíamos sonhar com um nível evolutivo (o nosso) onde essa desigualdade não tivesse mais função, desde que, de resto, não é mais necessária, uma vez que a constituição de outro tipo de herança cumulativa, a cultura sob todas as suas formas, permite continuar a ascensão evolutiva sem nenhuma intervenção do aperfeiçoamento biológico. Sempre se pode sonhar...”<sup>97</sup>

Porém, os biólogos acordam dos seus devaneios e admitem que temos “que nos re-signar: os indivíduos, ao nascer, não estão munidos dos mesmos recursos e, em consequência, não se pode fazer o que quer que seja, com quem quer que seja, embora considerável a margem da ação educativa. Mas, ainda aí, as desigualdades de herança inter-vêm: a *capacidade de aprendizagem* também depende de fatores genéticos.”<sup>98</sup>

Todas estas correntes de pensamento psicológico, que revisitamos aqui desde o Renascimento, não são mais do que quase a mesma posição, do ponto de vista da constituição subjetiva? Qual a vantagem em se resolver se as emoções são inatas e, por isso, alguns agem violentamente e outros não? É diferente de pensar que nada trouxemos e que, subordinados às intempéries ambientais, sobreviverão os mais fortes? Afinal, como resolver o “mistério” da gênese de nossas emoções, do nosso modo de agir, dos nossos jeitos de expressar, de sofrer, de alegrar? Como acumular uma boa “dose” de informações sobre a nossa mente para que nada de fora da normalidade nos aconteça? Agindo sob o espírito desta angústia, que é expressão de um desejo de se acercar de que nada nos faltará ou nos surpreenderá, o humano é visto como uma máquina, uma estrutura que “tende natural e organicamente a assimilar o meio e a se transformar para que o organismo melhor se adapte ao meio.”<sup>99</sup>

Será que não há nada de mais importante para pensar além de classificar o peso dos fatores ambientais e genéticos. Este reducionismo biológico reinante na Modernidade defende que “todos os caracteres do comportamento humano devem ser explicados como resultantes da soma de dois componentes básicos – um componente *genético* e um componente *ambiental*. O problema que se coloca é o de saber exatamente a proporção em que o meio ambiente e a hereditariedade contribuem para as diferenças de comportamentos entre indivíduos e entre populações. Tal problema, que será solucionado expe-

<sup>97</sup> DEBESSE, M & MIALARET, G. *Idem*, p. 54.

<sup>98</sup> IDEM, p. 54.

<sup>99</sup> OLIVEIRA, V. B. de. *O símbolo e o brinquedo: a representação da vida*. Petrópolis, Vozes, 1992, p. 25.

rimentalmente, pretende separar (ou reduzir) o comportamento em constituintes elementares que o resumem. Não se trata mais de analisar os comportamentos animais, porém os humanos, a fim de se encontrarem suas bases genéticas.”<sup>100</sup>

Até mesmo porque estes reducionismos nos limitam a crer que “uma sociedade não é outra coisa senão o conjunto dos indivíduos. E somente a Biologia tem condições de explicá-los cientificamente. Portanto, o estudo da história humana só pode ser feito, de modo válido, pelos especialistas dos gens, dos hormônios, dos neurônios e da seleção natural”<sup>101</sup> que, por sinal, “é constituída por um conjunto de mecanismos susceptíveis de fazer a triagem dos *indivíduos melhor adaptados*, vale dizer, daqueles que conseguem sobreviver e multiplicar-se, em determinadas condições, o mais eficazmente possível.”<sup>102</sup>

Compreendendo o que se passou na história da Psicologia, é possível entender por que ainda se fazem best-sellers falando de regulação biológica. Estas “fábulas” biológicas (com promessa de final feliz!) são “remédios” eficazes contra o peso que sentimos por carregar tantas incertezas sobre nós mesmos. Parece que nos tranquilizamos ao saber que a “sobrevivência de um dado organismo depende de uma série de processos biológicos que mantêm a integridade das células e dos tecidos em toda a sua estrutura. Vejamos um exemplo, ainda que simples, do que acabo de afirmar. A par de várias outras necessidades, os processos biológicos precisam de um fornecimento apropriado de oxigênio e nutrientes, que se baseia na respiração e na alimentação. Para tal, o cérebro possui circuitos neurais inatos cujos padrões de atividade, coadjuvados por processos bioquímicos no corpo propriamente dito, controlam de forma segura reflexos, impulsos e instintos, garantindo assim que a respiração e a alimentação ocorram de acordo com o necessário. Retomando o tema do capítulo anterior, note-se que os circuitos neurais inatos contêm representações dispositivas. A ativação dessas disposições desencadeia um complexo conjunto de respostas.”<sup>103</sup> Além do mais, é possível, a partir destes reducionismos biologizantes, argumentar que os “indivíduos não desempenham o papel de atores principais dos fenômenos biológicos. São apenas ‘máquinas de sobreviver’ *programadas* pelos gens para que fique garantida a sobrevivência da espécie.”<sup>104</sup>

---

<sup>100</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, p. 116.

<sup>101</sup> IDEM, p. 117.

<sup>102</sup> IDEM, p. 117.

<sup>103</sup> DAMÁSIO, A. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 142.

<sup>104</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, p. 118.

Os humanos agem em respeito à *lei da função antecipatória*, que prevê como certo “que a maturação do comportamento segue um curso predeterminado, que depende, em grande parte, do desenvolvimento estrutural, geneticamente determinado, que tem lugar num ambiente ‘normal’ ou ‘característico’ dos ambientes nos quais as espécies de organismos, objetos de estudo, se desenvolveram e podem sobreviver. Em outras palavras, de acordo com esta lei, é biologicamente essencial que as estruturas, que possibilitam respostas adaptativas posteriores, estejam presentes num período anterior à época em que estas reações precisam funcionar para que o animal sobreviva e tenha uma vida característica de sua espécie. Este ritmo da capacidade evolutiva funcional, observado em todas as unidades típicas de comportamento, é, muito provavelmente, determinado pelo código genético.”<sup>105</sup>

Há também a crença na *emergência*. Sendo que “o conceito de emergência no desenvolvimento orgânico tem sido designado por expressões como ‘doutrina dos níveis’ e ‘síntese criativa’. O ponto fundamental deste termo é que, à medida que as estruturas ou os processos se desenvolvem ou evoluem, novas totalidades surgem, não só por uma simples soma do que já estava presente e era observável anteriormente, mas também pela criação de itens realmente novos que têm propriedades genuinamente novas.”<sup>106</sup>

A Biologia seria o que de melhor haveria no domínio das ciências modernas? “por uso, ela tem todo o direito de intervir na prática social. Essa intervenção exige a fundação de uma *ética do conhecimento*, susceptível de guiar a evolução do mundo moderno. Apenas a *Ciência* é politicamente competente para dirigir o mundo. Sendo assim, somente uma ética do conhecimento objetivo pode ser aceita, para Monod, como base das instituições sociais e políticas, portanto como medida de sua autenticidade (*Op. Cit.*, p.194). Porque o conhecimento objetivo constitui a *única* fonte verdadeiramente autêntica. Todas as demais formas de conhecimento seriam inautênticas: religiosas, filosóficas e estéticas. Porque não dispõem de uma teoria *física* da hereditariedade. Somente a Biologia molecular sabe como se constrói e funciona ‘o material genético’, e tem possibilidades de revelar ‘o segredo da vida’, ignorando todos os *valores*. Converte-se numa espécie de Saber Absoluto, capaz de fornecer os fundamentos da vida, da moral e da política.”<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> CARMICHEL, L. *Manual de psicologia da criança*; organizador Paul Mussen, Coordenador da Ed. Brasileira Samuel Pfromm Netto, São Paulo, EPU e EDUSP, 1975, p. 4.

<sup>106</sup> IDEM, p. 4.

<sup>107</sup> JAPIASSU, H. *Idem*, p. 123.

Simplificando a vida a mil, passa-se uma falácia, no mais das vezes, de que “os impulsos e os instintos operam quer diretamente, pela geração de um determinado comportamento, quer mediante a indução de estados fisiológicos que levam os indivíduos a agir de determinado modo, de forma consciente ou não. Praticamente, todos os comportamentos que resultam de impulsos e instintos contribuem para a sobrevivência quer em termos diretos, pela execução de condições vantajosas para a sobrevivência, quer pela diminuição da influência de condições potencialmente adversas. As emoções e os sentimentos, que são centrais para a visão da racionalidade que estou propondo, são uma poderosa manifestação dos impulsos e dos instintos, constituindo uma parte essencial da sua atividade.”<sup>108</sup>

Combinando com estas pré-determinações, é possível encontrar quem defenda: “pode-se afirmar com segurança que é necessário estudar o período pré-natal se desejarmos determinar aquilo que Gesell (1928, 1929<sup>a</sup>) denominou, com muita propriedade, de ‘zero ontogenético’ do comportamento ou da mente.”<sup>109</sup> Chegando ao “zero” do desenvolvimento individual, o que é que se faz?

As teorias do desenvolvimento organizam-se em dois grupos. Lajonquière lembra que, conforme “Saal e Brauntein (1980), estas podem agrupar-se em *monádicas e diádicas*. As primeiras, como o seu nome indica, pressupõem um indivíduo armado desde a origem (uma mônada) com uma bagagem de potencialidades que se desenvolve ‘naturalmente’ segundo um processo predeterminado de maturação intelectual, afetiva ou neurológica, conforme o caso. Desta forma, reconhece-se ao dito ‘meio-ambiente’ (físico, familiar e/ou social, segundo a teorização de plantão) o poder de aportar ou negar os recursos necessários para que o ‘processo endógeno’ se desenvolva sem desventuras. As teorias diádicas, pelo contrário, enfatizam a inter-relação entre o indivíduo e a sociedade como se fossem duas entidades (coisas) pré-constituídas de forma tal que o problema teórico, que restaria resolver, seria conceitualizar os diversos modos de adequação de ambos os termos opostos. Complementação? Superioridade de um sobre o outro? E assim até o cansaço, sem que por isso se perceba que, colocado o problema teórico em termos de pré-constituição, não pode ele escapar ao destino que cabe à clássica pergunta a respeito da preeminência do ovo ou da galinha.”<sup>110</sup>

<sup>108</sup> DAMÁSIO, A. R. *Op. Cit.*, p. 143.

<sup>109</sup> CARMICHEL, L. *Idem*, pp. 5-6.

<sup>110</sup> de LAJONQUIÈRE, L. (1992) *Idem*, p. 17.

Segurando nas mãos da Biologia, ciência mais antiga e com respeitabilidade científica, coube aos psicólogos (de Wundt para frente) determinar (em laboratórios) as razões biológicas do comportamento. E eles passaram a se perguntar:

“Quais as relações entre nossa fisiologia e nosso comportamento? Como o ambiente influi em nosso organismo? Quais os aspectos de nosso psiquismo que estariam determinados geneticamente? Haveria uma determinação genética para os comportamentos?”<sup>111</sup>

Surgem as respostas, surge a psicobiologia que “é um modo de pensar sobre organismos como estruturas biológicas e psicológicas. A tarefa de analisar a interação de funções comportamentais e biológicas não é, por certo, coisa fácil. Em cada nível de desenvolvimento, as capacidades comportamentais do organismo expandem-se e o organismo relaciona-se com o meio ambiente de um modo cada vez mais complexo. Por sua vez, os eventos ambientais exercem uma crescente influência sobre o organismo em desenvolvimento, à medida que este se torna progressivamente capaz de se movimentar com liberdade em seu meio ambiente.

Assim, uma meta da Psicologia do desenvolvimento, decorrente do ponto de vista psicobiológico, é compreender como os sistemas comportamental e biológico se organizam durante o processo de adaptação ao meio ambiente. Se pensarmos no desenvolvimento como o surgimento de uma variedade de sistemas interdependentes, os quais são todos, simultaneamente, parte de um indivíduo total e complexo, então inúmeras questões assumem primacial importância. Como se desenvolvem os sistemas individuais? Como se tornam independentes? De que modo a organização ou desorganização de um sistema afeta a organização ou desorganização de outros sistemas ou do todo? Como os organismos se adaptam aos seus meios ambientes? Que processos regulam a organização do comportamento?”<sup>112</sup>

A Psicobiologia, acompanhando a vida de gêmeos idênticos, criados em ambientes e famílias diferentes, vai rastreando semelhanças, quaisquer sinais que comprovem a “determinação genética dos comportamentos, uma vez que essas pessoas possuem exatamente os mesmos genes e foram criadas em ambientes diferentes.”<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> BOCK, A. M. B. et alli. *PSICOLOGIAS – Uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo, Sarai-va, 1997, p. 142.

<sup>112</sup> FITZGERALD, H. E. et alli. *Psicologia do desenvolvimento: o bebê e a criança pequena*. Tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Campus, 1983, p. 19.

<sup>113</sup> BOCK, A. M. B. et alli. *Op. Cit.*, p. 142.

Interessam-se os estudiosos da Psicobiologia em pesquisar e comprovar que “os genes influem no comportamento, através da investigação de como as diferenças individuais na constituição genética estão relacionadas com as diferenças individuais no comportamento.”<sup>114</sup>

Esta defesa da constituição biológica pode nos levar a pensar que os “jeitos” subjetivos que cada pessoa apresenta nas mais diversas instâncias da vida são presos às determinações de nascença. Para que isso aconteça sem vicissitudes, de forma perfeita e natural, ocorre que os “organismos vivos precisam, para sobreviver, adaptar-se a seus ambientes”<sup>115</sup>. E assim tudo correria na mais absoluta tranqüilidade, não comprovada na vida cotidiana (tão cheia de tropeços!)

Essa maravilhosa viagem em busca das nossas determinações genéticas acontece graças à participação especial de ratos, cachorros, macacos, pombos, que “generosamente” têm ajudado aos psicólogos “na tentativa de compreendê-los e estender suas conclusões ao comportamento humano, seu principal objeto de interesse.”<sup>116</sup>

Aos ‘ratos de laboratório’ e outros animais devemos diversos estudos “sobre a memória, o tédio, o medo, o comportamento sexual, a vida social, a necessidade de afeto, a aprendizagem, os sonhos, a dor, a raiva, a curiosidade, a inteligência, o vício e outros aspectos do psiquismo”.<sup>117</sup> Os animais têm as suas vidas sacrificadas e os seres humanos, as suas existências simplificadas (a uma vida quase animal?)

O que foi a moderna Psicologia, pós-Wundt ? Algo mais do que “uma Psicologia do *rato branco, adulto e civilizado*, como ironicamente foi caracterizada a moderna Psicologia experimental e objetiva, que se propunha substituir precisamente a psicologia do *homem branco, adulto e civilizado*, praticada em âmbito introspectivo.”<sup>118</sup>

Os estudiosos da Psicologia animal comparada “se orgulham de ser obstinados e realistas e de haverem descartado das insignificâncias de uma Psicologia que trata das mentes.”<sup>119</sup> Isso resolve (ou envolve) toda a complexidade da existência humana?

A psico(bio)logia não carrega dúvidas da perfeição possível de engajar as descobertas realizadas com animais para analisar o comportar-se do homem em sociedade. E se justificam apoiados em Darwin e na sua teoria evolucionista, “para quem os animais

---

<sup>114</sup> IDEM, 142.

<sup>115</sup> BOCK, A. M. B. et alli. *Op. Cit.*, p. 142.

<sup>116</sup> IDEM, p. 143.

<sup>117</sup> IDEM, p. 143.

<sup>118</sup> PENNA, A. G. *Introdução à História da Psicologia Contemporânea*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980, p. 17.

<sup>119</sup> HEIDBREder, E. *Idem*, p. 13.

mantêm parentesco entre si, pois são todos produtos da evolução de organismos mais simples, formando verdadeiras famílias, que apresentam semelhanças na estrutura biológica”<sup>120</sup>

Os manuais indicam, acreditemos se quisermos, que a “lógica da teoria evolucionista darwiniana, ligada à genética clássica mendeliana, funciona melhor se aceitarmos que o fenótipo, sobre o qual a seleção atua, mantém uma relação relativamente fixa com o genótipo, de tal maneira que os indivíduos ‘certos’ – isto é, com maior probabilidade de sobrevivência – são os selecionados. Certamente, os caracteres com os quais tanto Darwin quanto Mendel trabalharam, tais como a cor da flor ou a plumagem de pássaros, eram suficientemente estáveis. Os traços do comportamento também podem ser assim considerados. Em seu livro *Expression of Emotions in Man and Animal* (1872), Darwin procurou mostrar como os comportamentos aparentemente fluidos, envolvidos na comunicação animal, compreendiam componentes razoavelmente fixos e, ainda, que os seus resíduos poderiam ser, também, encontrados em seres humanos. Um passo à frente foi dado por numerosos biólogos do desenvolvimento que tentaram, com mais precisão, definir os blocos essenciais que constroem o comportamento. Seus trabalhos, em sua maior parte, foram feitos com organismos inferiores como a paramécia, o estentor, a hidra e a planária.”<sup>121</sup>

Há a defesa, para a escolha de nossos “irmãos”, os animais, para realizar pesquisas, pelo fato de eles serem possuidores de organismos mais simplificados que os nossos organismos humanos; e possibilitam a chegada de traços de comportamento (de origem genética) e que “não estão mascarados pelos comportamentos aprendidos, como no homem.”<sup>122</sup> Serão mesmo tão insignificantes estes aprendizados outros que nos diferenciam dos animais?

E quando desconfiam que devam ser dadas as devidas precauções sobre as diferenciações entre animais e homens (na tentativa de adaptar estes estudos animais para estudos humanos), ‘isso’ tudo é chamado de variáveis: “sua vida social, sua capacidade de pensar, sua consciência, sua cultura”.<sup>123</sup> Então, os humanos são sem existência subjetiva? E as emoções carregadas dos remotos anos escolares? E os sentimentos de aceitação ou não que se carregam inexplicavelmente pela vida? E as marcas das figuras paternas que em nós permanecem? E a nossa inserção na cultura, desde que nascemos?

<sup>120</sup> BOCK, A. M. B. et alli. *Op. Cit.*, p. 144.

<sup>121</sup> CARMICHEL, L. *Idem*, pp. 174-175.

<sup>122</sup> BOCK, A. M. B. et alli. *Idem*, p. 144.

<sup>123</sup> IDEM, p. 144.

Estas lógicas psico(bio)lógicas limitam a existência humana! É possível usar aqui as reflexões de Lajonquière sobre o desenvolvimentismo que invade as teses psicológicas modernas. “Pensando assim, como não chegar a pensar que todo sujeito começa, na origem, sendo um mero organismo que, maturando, acaba ganhando por acréscimo uma subjetividade? Em outras palavras, como ousar pensar que os acidentes da constituição de uma subjetividade não podem reduzir-se, de forma alguma, a simples contratempos no desenvolvimento de alguma espécie de apêndice do organismo? Com efeito, se não mudarmos nosso ponto de partida, jamais poderemos chegar a pensar os acidentes de uma constituição de uma subjetividade em outros termos que não sejam esses. Mais ainda, tampouco poderemos chegar a colocar sob outra lógica que não seja a maturacional as mesmíssimas vicissitudes das aprendizagens”.<sup>124</sup>

Não é simples demais entender a dinâmica humana como um desenrolar de um limitado código genético que “nos dá as possibilidades (direção e limites) e, ao entrarmos em contato com o ambiente, estaremos recebendo estimulações que permitirão ou não a expressão destas possibilidades. Daí compreendermos uma família de músicos: herança biológica e meio estimulatório aliam-se na produção de tantos músicos.”?<sup>125</sup> É justo perceber que uma família inteira transforme seu sintoma em criação, esforço de geração à geração, desejo passado de pai para filho, e simplifiquemos tudo em nome de um código genético e (ou) de processo maturacional? Psico(bió)logos, tenham dó de nós, pobres mortais, engajados em projetos que nos façam ser mais do que ratos e coelhos de cientistas americanos ou outros quaisquer!

Ainda quando tentam rearrumar as suas concepções, lançam mais absurdos. E afirmam “que nossos genes são fundamentais para determinar nossos limites e possibilidades, mas não estão sozinhos na determinação de nossa forma de ser. Genes e meio (meio entendido aqui no sentido mais amplo, envolvendo cultura, classe social, condições de vida, relações, experiências, alimentação, clima etc.) relacionam-se na composição ou determinação da forma de ser de cada um.”<sup>126</sup> É como andar sem tirar os pés do chão!

E quando ainda falta algo (que vem da ordem de uma filiação simbólica não explicitada, e que não responde pelas evidências racionais?), recorre-se outra vez aos sérios (?) (e caros?) estudos dos animais. E boletins são lançados afirmando que o meio é

<sup>124</sup> de LAJONQUIÈRE, L. (1992) *Idem*, p. 150.

<sup>125</sup> BOCK, A. M. B. et alli. *Idem*, p. 145.

<sup>126</sup> IDEM, p. 145.

importante para o desenvolvimento, baseados nas observações “sobre o amor em filhotes de macacos, que demonstrou que macacos criados sem mãe, ou com um substituto adequado de mãe, podem não apresentar relações sociais normais, na idade adulta. Isto demonstra como as experiências sociais são importantes, pois, se fôssemos simplistas, tenderíamos a achar que estes pequenos macacos nasceram com os genes do comportamento anti-social. Este tipo de consideração pode parecer óbvio, mas, algum tempo atrás, muitas pessoas acreditavam que a delinqüência era um problema de constituição genética. Estudos como este de Harlow demonstram não só a importância das experiências precoces, como também do afeto para o desenvolvimento da sociabilidade.”<sup>127</sup>

Lançamos uma proposta à Psico(bio)logia: século novo que se aproxima, vida nova! Deixem os macacos órfãos em paz e os outros aos cuidados de suas mães!

Seguimos nosso caminho! Munidos de todos os estragos produzidos pela Psicologia em quase duzentos anos de estatuto de Ciência, vamos ver as repercussões produzidas na Psicologia do Jogo, que vem a ser uma dependente da ciência-mãe, sem que haja sinais de pronta emancipação. Escolhemos dois clássicos teóricos da Psicologia do Jogo, Groos e Stanley Hall; e pretendemos, a partir de um olhar sobre o que produziram, tentar ver além e visualizar as suas repercussões atuais.

---

<sup>127</sup> IDEM, p. 145.